



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

31 DE MARÇO DE 1962
ANO XIX — N.º 471 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAGO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

PATRIMONIO DOS POBRES

Já há muito que não íamos e agora fomos por aí abaixo. Temo-nos ocupado do movimento do Património dos Pobres do sul e do centro por correspondência trocada com Párocos e Vicentinos. Sabemos de muitas paróquias que continuam a trabalhar com grande ardor; e de muitas outras não sabemos, pois somos incapazes de dar conta de tal movimento que electrizou todas as almas que ainda sentem a vida do seu semelhante.

Na devida altura alegrámo-nos em união com os fideis da Figueira da Foz que entregaram mais um grupo de casas, com Coja que habitou mais duas, com Vale de Azares que se revestiu de festa para acarinhar seis famílias contempladas, com Loriga, Covilhã, Tortozendo, com Abrantes que deu mais um grupo, com Parede, Oeiras, S. João das Lampas que convidou seus Amigos para a inauguração do seu bairro de muitas moradias. No Alentejo continua o fogo e no Algarve também quer pegar. Em Coimbra temo-nos sentido sôzinhos com a casa-mãe para assistência aos habitantes do Bairro. Esperamos que as Criaditas dos Pobres já lá passem a Páscoa.

FESTAS

Os nossos do Centro e do Sul acordaram mais tarde — e agora é daqueles lados que eu sinto mais azáfama. Padre Horácio escreveu há dias. Hoje telefonou. Anda com a Festa no Teatro Avenida. Este ano é lá a «première». Os rapazes de Miranda e de Coimbra vão representar «O Filho Pródigo»; depois, será o desfile de todas as Casas, como os mais anos.

Os rapazes andam cheios de cuidados a preparar-se para conquistar a cidade-doutora e a render ao calor da sua simplicidade. Vamos a ver se a praça cai...

Por aqui a coisa anda pacata. O nosso Senhor Abade, que é músico de gema, encarregou-se do ensaio do coral dos mais velhos e aí está ele, todas as tardes, das 6 às 7. Depois do almoço é o ensaio da peça. O mais engraçado é que o protagonista está em Setúbal e só aí aparecerá nas vésperas, para ensaiar em conjunto! Eu nem calculo como serão os ensaios de uma peça em que falta o principal actor, quase sempre em cena!... Mas os Senhores, não se escandalizem nem tomem o caso por falta de consideração! O trabalhinho nas várias casas é que dita a necessidade desta separação. Por outro lado, aquele era «the right man...» Esperamos pois que o talento dos nossos cómicos supere todos os obstáculos e os Senhores não tenham nada que dizer do teatro, em 5 de Abril, no Coliseu do Porto.

Os batatitas é que eu nem sei quando ensaiam. O Américo é o produtor, realizador, coreógrafo, autor dos poemas e do guarda-roupa de todos os números em que os nossos pequeninos vão actuar e... agradar em cheio!

Júlio lá anda na sua missão de propaganda. Ele nos Rádios, ele nos jornais, ele na Belarte, ele no Coliseu a arrelhar o Sr. Rocha, que de tão amigo é incapaz de se arrelhar... E ele na Inspeção dos Espectáculos, onde toda a gente é muito simpática, menos as complicações que nos arranjam!

Em Braga, D. Burocracia apoquentar menos. Gente amiga anda por lá soprando na fogueira. Esperamos o Teatro-Circo como um ovo, aquela noite de terça feira, 10 de Abril!

Campanera passou agora mesmo aqui pelo escritório, a dar-me as últimas notícias que ontem de lá trouxe, na venda do jornal. E disse-me: «Conto não ficar mal!» Ele lá sabe. Ele é que é o empresário responsável pela festa em Braga. Ele é que bateu às portas dos Amigos de sempre a renovar as suas alianças pacíficas. Vamos a ver... Mas eu também cuido que nem ele, nem eu, nem ninguém vai ficar mal!

Totobola

O correio continua animado. É uma das grandes consolações que o Famoso nos dá, esta da retribuição viva das ideias que ele comunica. O que teria sido o Património dos Pobres sem as páginas de «O Gaiato»? Não sabemos... Mas decerto não teria tido a repercussão que teve, repercussão esta que se traduz em 2.200 Famílias abrigadas, fora aquelas largas centenas que, capazes de algum esforço, emprenderam a construção do seu lar, e a realizaram, de mão dada com as mãos fraternais que se lhes oferecem. Ora estas mãos que se oferecem são outro

valor—eu digo, até, o maior valor—do movimento desencadeado nas colunas do Famoso e realmente consumado em cerca de 400 freguesias do Portugal de todas as latitudes.

Pois fez-se aqui eco de uma sugestão saída de um coração que bate com o da Obra de Pai Américo e eis que não mais cessaram outras vozes, vindas de todos os cantos do País, tanto de meios afectos como de indiferentes ao desporto e aos prognósticos desportivos. E o debate está na ordem do dia. Há um trocar de ideias, uma discussão pacífica em busca da luz. E um ponto está unânime aprovado: Não se pode perder tempo; cada semana que passa, são uns largos contos desaproveitados para a Campanha da Habitação do Pobre.

Ora oiçam-no, a alguns dos nossos correspondentes:

«Quanto ao caso do Totobola eu acho que a primeira ideia do tostão por Boletim era melhor, pois que se forem pelo tostão por quantia mínima haverá possivelmente (talvez eu seja muito descrente da caridade do mundo) quem fizesse as apostas em Boletins separados para não ultrapassar essa quantia mínima.

Acho que mesmo para aqueles que só apostam 3\$00 (mínimo possível) o tostão a mais não prejudica nada pois que se as apostas fossem desde início de 3\$10 em vez de 3\$00, a quantidade de apostadores teria atingido o mesmo incremento que se tem notado.

Esta é a minha opinião. Deus permita que cheguem a conseguir que seja cobrado o tostão.

Estoutro não espera por decisões superiores e actua já: da fatia que ganhou no Totobola reparte com o Património dos Pobres:

Mas porque tenho sempre lido o «Famoso», lá vi a campanha do Totobola. Ora eu também sou dos que esperam ter sorte ou dos que presumem «perceber daquilo». E faço prognósticos. (E a verdade é que já por duas vezes acertei, mas nunca nas ocasiões de fazer fortuna—se calhar porque quando eu sou «espertinho» há sempre mais umas centenas ou milhares que também o são: mas ainda arranjei à roda de uns 2.000\$00... Na altura ainda a «campanha» não estava em marcha, eu chamei-lhes um figo, e da Casa não me lembrei). Mas a verdade é que deixei aí ficar uns poucos escudos no Ultramarino e os homens mandaram-me agora um extracto de conta: tiraram-me 10\$00 no fim de ano—«para despesas». E vai daí pensei: já não me hão-de tirar mais nada, que o Snr. Padre Acílio precisa bem mais deles que o banco. E pronto: cá vai um cheque pelo saldo da conta. Passa um bocadinho dos 10% do Totobola; o resto são para os tostões dos papelinhos, ou para o 1% do valor da aposta. Olhe meu Amigo: escripture lá isso como entender que eu só tenho pena de não lhe mandar mais!...

Mas ele há mais. Um assinante faz o seu prognóstico, fá-lo em nome da Casa do Gaiato e manda-nos o recibo para o caso da sorte nos bater à porta. Escutem, por favor:

Tenho acompanhado com entusiasmo a iniciativa do Vosso simpático jornal, afim de cada impresso do TOTOBOLA,

Continua na página DOIS

AGORA PÃO DOS POBRES

É tempo de Penitência; é tempo de procissões — procissões penitenciais: das Cinzas, dos Paços, da Cruz...

Que é, senão de Penitência, esta Procissão que está sempre em desfile na roda do ano? Pois não é a Penitência uma mudança de vida, uma conversão ao Amor? E não são todos os que a frequentam, homens que ouviram o apelo do amor de Deus e o realizam concretamente no amor dos Irmãos?

A Caridade não é só a esmola, — que o Apóstolo afirma: «Se der tudo aos Pobres e não tiver Caridade, nada sou!» Mas não pode haver Caridade sem comunhão nas dores dos que sofrem para que sofram menos comungando no bem-estar dos que assim estão. É S. João que o diz: «O que tiver bens deste mundo e vir o seu Irmão em necessidade e lhe fechar as suas entranhas, como está nele a Caridade?»

Sim, esta Procissão é verdadeiramente de Penitência, porque de Caridade: Não só de esmola, mas de esmola escondida, sacrificada, perseverante, que só aquele espírito de comunhão fraterna pode ditar e manter.

Dêmos, pois, graças a Deus e vamos lá a matar saudades, que quase todos eles são velhos conhecidos!

A frente comparecem, desta vez, os de todos os meses: É «o do Tabaco a menos»; é a Alda, do Ribatejo; é a Maria do Pequeno Louvre; são a Mariazinha e o Artur; é a Mary de Almeida; e «Uma sem importância», que tem o coração a transbordar de anseios, que todos se resumem neste: «Reze por mim, para eu ser uma boa Mãe».

Logo a seguir surge a gente trabalhadora: Pessoal do Grémio da Panificação, por três vezes; Pessoal da HICA, outras tantas; mais da Administração o 2.º semestre do ano passado: 11.791\$90. Mais mil do Pessoal do Banco de Portugal! Quem dera que todos os Pessoais de todos os Bancos, que ganham tão benzinho, graças a Deus, fossem da marca do da Panificação, mais do da HICA — e vamos lá a ver, se com a continuação, poderei dizer o mesmo do do nosso Banco emissor!...

O pendão das casas por inteiro traz dois representantes, apenas, mas de muita categoria. Façam favor de os conhecer, por esta amostra que aqui dou:

«Já há anos que leio o vosso Famoso jornalzinho, mas muito grande pela grandeza da doutrina que dá, a todos que a queiram seguir, e, que tão

bem faz a quem o lê, e foi por isso que sempre pensei em fazer esta esmola que hoje cumprio.

Sempre ambicionei ter uma casinha minha e agora que estão realizados os meus sonhos venho oferecer 12 contos para vossa Reverência dar mais uma casinha aos pobres com a legenda de «Acção de graças a Jesus e Maria». Se este dinheiro não chegar, V. R. manda-me dizer que agora não, mas para o ano se Deus quiser mando o resto. Não diga nada no jornal, pois isto é só meu, de Deus e Vosso».

Pois digo, mesmo. Digo — que a Luz não se mete debaixo do alqueire e o porta-luz, esse só de Deus é conhecido!

O outro componente deste grupo tem a mesma preocupação de esconder da mão esquerda o bem que a direita faz e recomenda que ao darmos notícias da casinha não falemos senão em «Um engenheiro de Angola».

Novo estandarte passa agora. São os da casa para que vários concorrem. São 20\$ para «a dos Professores Primários». Mais 20\$ «para ajuda duma casinha com a invocação de N. Senhora». E agora 3x50\$, da mesma Professora de Bragança, para as Casas «de N. Senhora de Lourdes», «de Santa Maria» e «do Meu aniversário».

Eis os avulsos, a dobrar a esquina. No Montepio, em Lisboa, 6.470\$ de vários doadores. Quinhentos, do Porto, «por uma intenção particular». Outro tanto de um licenciado em Economia e Finanças que, pra mais isto e mais aquilo, mandou de uma assentada 1.600\$. Da Lourinhã 2.300\$. «Contribuição de minha Mãe»: 80\$. 100\$ de Peva. Metade da Cristina, de S. Sebastião da Pedreira. E 3.625\$ deixados no Espelho da Moda, «por alma de uma filha falecida»; e mais, no mesmo lugar: 50\$ e 2.000\$. 20\$ de Castro Daire. 5 vezes mais de A. A. M., de Coimbra. Outros 20\$ do Porto e «calcula que lhe devam recomendar muitas intenções, mas também sei que o Amor lembra tudo e tenho esperança que uma vez ou outra se lembre desta. Eu também rezo muitas vezes por si e pelos seus Padres». Ó riqueza! Nós bem a sentimos, mas só no Céu saberemos a quem cabem os méritos de tantas graças que o Senhor nos dá.

E mais 500\$ e o dobro, para aquele sapateiro que tem andado a pagar a casa com o seu sangue. Um deles acrescenta esta legenda:

«Todos os leitores do «Gaíato» devem ter ficado agradecidos, por lhes terem posto diante dos olhos a fotografia e a história tão comovedora do Ermelindo».

Para alegria de todos os que

leram com olhos de ver as notícias que demos deste jovem e corajoso pai de família, informamos que a sua casa está em maré de ficar completamente paga e que o Senhor lhes fez a graça (Sempre temperada de contradição para o seu coração de País!) de levar para o Céu aquele filho incurável, que a ciência deste mundo não seria capaz de fazer passar além da vida vegetativa que era a sua.

E agora vinha aí o «estado maior» da Procissão: os das casas a prestações. Mas o espaço não perdoa e eu tenho que deixar o relato deste desfile pró próximo jornal.

TOTOBOLA

Continuação da pág. UM

passasse a custar \$10 e que essa receita reverta a favor da Vossa grande Obra.

Estou convencido que não haverá um só concorrente que não esteja de acordo e por isso entendo que não devem deixar de insistir com a entidade competente afim de que a Vossa iniciativa seja coroada de êxito.

Entretanto e até que o caso tenha a solução desejada, surti-me uma ideia:

Muitos entusiastas e portanto concorrentes do Totobola, são admiradores da Vossa Obra e podiam uma vez por outra, enviar um boletim em nome da Casa do Gaíato, com o seu prognóstico (claro, devidamente pago) e pode muito bem suceder que a Obra seja contemplada.

Um bancário de Abrantes, faz-nos chegar o seu voto:

Quero por este meio apresentar o meu incondicional voto a favor da cobrança de \$10 por cada boletim do Totobola. Sou concorrente e desde o primeiro momento que li tal alvitre no «Famoso» imediatamente o considerei esplêndido, estando certo que mais de 90% (para não dizer os 100%) dos concorrentes pagarão de boa vontade esse \$10 por cada boletim. Seria bom, que se fizesse chegar ao conhecimento da Santa Casa da Misericórdia tal ideia. Os seus dirigentes acolherão também de boa vontade a mesma.

E outro retoma a nota já tocada no jornal passado:

Não sou Totobolista mas, uma vez que essa ideia seja posta em prática — e Deus permita seja breve — comprarei todas as semanas 2 impressos,

LEGENDAS... me apetecia chamar a esta local! Que belezas Deus faz brotar dos corações delicados — dos corações tocados por outro coração que se fixou no amor de Jesus! E que beleza não será o Coração d'Ele, se tão formosos são os corações dos Seus enamorados — apesar de espelhos, de embaciados espelhos no reflexo daquele Coração!

«Que dizer do «Pão dos Pobres»? Só sei que ao ler as palavras de Pai Américo fico sempre com vontade de ser melhor. Obrigada por o terem enviado».

«Envio 60\$00 para os três

embora os não preencha, pois nada percebo de futebois. E farei toda a propaganda para que haja muitos mais Totobolistas.

Não têm pois que temer os organizadores do Totobola, pois parece que o tostão pró Património, em vez de afastar ainda trará mais clientela:

Caso curioso o de esta velha assinante, nada presa a interesses desportivos e que remata a sua liquidação da assinatura por este P. S.: «Que o Sr. P.e Carlos vá pugnando pelo tostão do Totobola».

E eu termino por esta carta que alguém de seu livre alvedrio, dirigiu às altas esferas da governação e de que nos mandou cópia:

Há ainda, infelizmente, no nosso querido Portugal, um sem número de Pobres, que não têm habitação condigna.

Uma «ideia» apareceu, que pode contribuir eficientemente para solucionar tão momentoso problema.

Que os impressos do Totobola custem \$10 — dez centavos apenas! — e que o produto seja entregue ao «Património dos Pobres», que o transformará em casas que, espalhadas do Norte a Sul, se transformarão em lares floridos, onde haverá menos Dor.

Dez centavos para quem joga no Totobola, nada representa! Esses tostões, juntos, serão bola de neve a provar quanto valem «migalhas» quando aproveitadas!

Cada semana que passa, são umas tantas casas a menos que se não constroem!

Não hesite, não deixe para amanhã; os Pobres lhe agradecerão e com eles quantos os prezam como irmãos em Cristo, que são.

exemplares do «Pão dos Pobres», que é «Pão nosso» e que é um delicioso ALIMENTO!»

«Cá recebi os livros. Quanto ao conteúdo deles, já o sabia, são o Evangelho contado e demonstrado de muitas maneiras. Vão servir para muitas das minhas orações da noite. No meio deste mundo em que vivemos, de miséria moral e material, chega a parecer impossível que houvesse um homem, que vivesse a doutrina de Jesus Cristo como ele a viveu e ensinou a viver e continua a ensinar, mesmo depois de morto! Também, no meio de tudo isto, consola ver, no Gaíato, que ainda há tantas almas boas no meio de tantas almas que andam perdidas.

Agradeço as vossas orações pela minha saúde, que hão-de valer muito mais do que as minhas; mas a saúde interessante, acima de tudo, para servir a Deus como for da Sua Divina Vontade».

«Envio 20\$00 do «Pão dos Pobres». Tenho comido dele diariamente, mas cada vez sinto mais a fome de o devorar. É uma iguaria, que muito aprecio e agradeço».

«A quantia que enviei foi para o Pão dos Pobres, mas não, como pensaram, para o livro que tem o mesmo nome. Foi para os Pobres que não têm dinheiro, nem para comer enquanto eu, graças a Deus, ainda me posso dar ao luxo de ir, embora com muito pouca frequência, ao cinema ou ao bom teatro, e, é nestas poucas vezes que mais endividado me sinto para com os Pobres. Francamente, nestes momentos sinto-me criminoso e parece-me que aquele dinheiro não levou o caminho para que foi destinado, O BEM DOS POBRES.

Assim, para mitigar aquelas minhas falhas, envio-vos, meus amigos, pequenas importâncias para o PÃO DOS POBRES, o pão material porque do PÃO ESPIRITUAL também eu muito preciso embora já muito COMA no FAMOSO».

Que havemos de dizer?!... Que poderíamos dizer, sem quase profanar os sentimentos revelados por estas palavras que o Mestre arrancou de tantos corações, como naquele dia, em paga de uma sede de água, Ele arrancou do coração generoso de uma Samaritana, junto ao poço de Jacob?!

LEGENDAS... sim — legendas ao «Pão dos Pobres»! Legendas de amor!

Visado pela
Comissão de Censura



CAMPANHA DE ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES — Tem a palavra aquela costureira de Alhandra, já nossa conhecida. Ora leiam:

Peço imensa desculpa de só hoje ter enviado o pagamento da minha assinatura assim como o do Alhandra, que enquanto eu puder o farei, mas sou e continuarei e digo não tanto por não ter dinheiro, mas o pobre quando tem trabalho tem de o aproveitar, e por isso vagar nos falta até para escrever uma carta.

Mas graças a Deus fui hoje compensada, pois veio uma senhora a minha casa e deu-me o seu nome

como nova assinante. É pessoa de moral bem formada, pois apesar do marido ser marinheiro tem três filhinhos, e pouco lhe disse para ser assinante. E que o Senhor me perdoe, mas quantas pessoas que têm tudo, e tanto eu lhes tenho dito, de todas as maneiras, dando até o vosso jornal, para ver se Deus através da sua leitura faz o que as minhas palavras não fazem, mas que têm muitas despesas, que não podem, tudo numa palavra não podem, ou não querem.

Que será da humanidade no dia de Juízo Final!

PORTO/LISBOA — Não foi uma avalanche; mas que as presenças aumentaram, isso é verdade. Mais em Lisboa que no Porto, naturalmente. Pois ali temos um mar incomensurável de gente que espera o prego dos devotos enamorados da Campanha.

Entre o movimento da Capital há uma lista enviada por Uma amiga da Obra, com um grupinho «interessado». São mais 4 assinantes. Todavia, como o qualificativo vem entre aspas, serão já interessados ou não? Muito convém saber pra mor de regularizarmos a sua inscrição. Também no meio das presenças lisboetas, há «Uma portuguesa» interessada pelo Famoso. Não diz seu nome de baptismo. Mas a residência, sim. É uma Portuguesa — isso basta — que acha mais adequado servir a Pátria inquietando-se pelo Famoso que perder o tempo e o mais que a gente sabe, nos apregoados chás dançantes ou, melhor, nos actualíssimos chás canasta onde, tanta vez! o Pobre é colocado no cartaz — ferindo-se, sacrilégamente, a Caridade.

A Invicta, apesar de nesta quinzena comparecer em menor escala em relação à Capital, regista o interesse da primeira hora. Prôquê, façam favor de ver a alegria mal-la tristeza, da assinante 6665:

«Agora, com muita satisfação, lhe mando mais duas assinaturas que já andava há muitos meses a pedir para eles assinarem. É tão difícil, nos tempos que correm, o eles dizerem sim! É preciso prepará-los com muitas vontades e lerem muitas vezes «O Gaiato» para compreenderem o Evangelho».

DO MINHO AO ALCARVE — Um ror de gente fresca! Sim senhor. Tanto que não sabemos dizer da nossa alegria. O admirável persistência! Nem cansaço, nem enjoo, nem nada. Tudo caminho com satisfação, com amor. Vivam os devotos da precisão!

Temos a presença de Vila Nova de Gaia, Paços de Ferreira, Gondomar, Sobral de Lagoa (Obidos), e Oldrões (Calçada). Mais Anta (Espinho), Quebrantões, Ariz, Minas da Panasqueira, Mértola, Estoril, e Cascais. E mais Perosinho, Praia da Granja, S. Pedro do Estoril, Pedrogão do Alentejo e S. Lourenço do Douro. E ainda mais Avintes, Santo Amaro de Oeiras, Moscaviz, Amadora, Condeixa, Gafanha da Nazaré e Aveiro. Finalmente, a presença de Ancas (Sangalhos), Carria e Sanarém, que afirma:

«Tendo escrito há cerca de dois meses com duas novas assinaturas e sabendo que o jornal ainda não foi enviado, venho lembrar esses dois nomes e enviar mais um — todos com muita necessidade! — daí a minha pressa em que recebam».

Descanse, que o Famoso já seguiu!

ULTRAMAR — Não adormeceu, não senhor. Ei-lo de mangas arregaçadas que o calor é de torrar.

Angola traz nas mãos gente fresca de Benguela, Marco de Canavezes (não confundam...), e Silva Porto. De Moçambique comparece Ócua e Lourenço Marques.

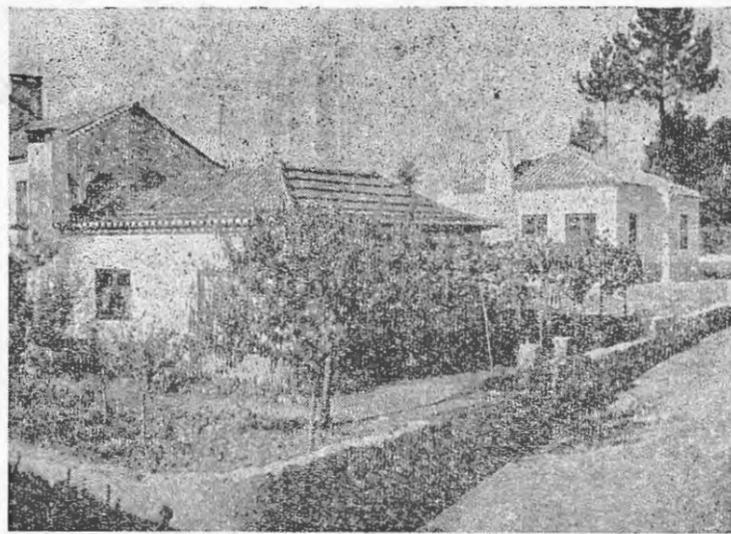
ESTRANGEIRO — Mais uma lista da América do Norte! Graças àquela Senhora — tão nossa amiga! — da 94 Jackson Street em NEWARK. Torna a pedir, com insistência, que façamos mais barulho e que está absolutamente ao inteiro dispor da colónia portuguesa daquela cidade americana e doutras visinhas — incluindo Nova York que é relativamente perto. Ora os senhores Luso-americanos podem bater à porta dessa nossa Recoveira que toma conta, sobretudo, de assinaturas, com as mãos ambas.

Por fim, temos uma presença do Canadá. Pode ser que os portugueses, residentes nesse grande país, acordem. E há já por lá tantos!

Júlio Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

continuação da página UM



Mais uma casa do Património dos Pobres de Águeda — obra dos Oficiais e Alunos da Escola Central de Sargentos.

seis que estão em acabamento e que nos pareceram espaçosas e bem situadas. Os Vicentinos estão com vontade de continuar. Deus os ajude.

Outra corrida grande pela noite dentro até Beja. P.e Joaquim Fátela e seus estudantes esperavam-nos. Não houve orquestra, pois

o dia tinha sido pequeno para tantos quilómetros e para nossas obrigações de sacerdotes.

Manhãzinha cedo, depois do Altar e uns recados que P.e Joaquim nos havia pedido, tomámos rumo ao norte e já todos tinham jantado quando chegámos a casa.

Padre Horácio



Uma Carta

«Ao distribuir o dividendo numa Sociedade de que faço parte, foi combinado entre os sócios que caberia uma percentagem de 5% aos **POBRES**.

Faz parte dessa percentagem a importância que junto, agradecendo a **DEUS** por Os termos como sócios. Se assim concordar, peço que a mesma seja dividida em partes iguais por «Belém», Paço de Sousa e pelo «Calvário».

Com os melhores votos para os «Gaiatos» beijo-lhe humildemente a mão».

A assinatura é ilegível, mas muito nossa conhecida. É mesmo só o que conhecemos desta mão que se nos tem estendido vezes sem conta em dádivas que irão por dezenas de contos.

Umás vezes é no Lar; outras no Espelho da Moda. Eu tremo de algum dia o encontrar. Seria o desfazer do mistério do nosso conhecimento no Coração de Jesus. São tão saborosos estes encontros! A gente compreende como é mister cegar para chegar a ver. São encontros em estrada de Damasco! Os olhos não são precisos; a carne não tem lugar; se velho, se novo, se alto, se baixo — são acidentes que nada acrescentam à essência da Caridade, que é o ponto de reunião.

Mas eu não quero só para mim este gosto, nem tão pouco me satisfaz o partilhá-lo. Esta carta é um compêndio de doutrina alta e prática. Há uma sociedade que reserva 5% do seu dividendo para os Pobres, «agradecendo a **DEUS** por Os termos como sócios». Tudo delicadeza: desde o No-

me de Deus, todo em «caixa alta», à maiúscula do pronome que vem na vez de Pobres.

Onde há por esse mundo sociedades que compreendam membros, cujo dever é simplesmente o seu direito ao lucro e se regozijem por eles? Onde?! É era tão preciso que houvesse! É que é isto mesmo a Verdade do Pensamento divino relativamente aos bens criados! Todos os bens para todos os homens. O que uns possuem a mais pertence no usufruto aos que têm de menos: O desequilíbrio na posse estabilizará mediante a redistribuição. Ou os homens se abrem e compreendem o Pensamento de Deus e o realizam, voluntária, livre, meritariamente — fraternalmente; ou o processo da realização se desencadeará por caminhos tortuosos e cheios de contradição, que hão-de tornar dura, fatalmente dura, a vida sobre a Terra aos homens com coração de Caim.

O que eu acho de mais sublime e ao mesmo tempo de mais trágico no proceder que esta carta revela, é o seu carácter insólito, quando esta atitude de espírito a realizar-se em vida é a Verdade, a verdade do Pensamento divino a respeito dos bens criados.

Ó homens soberbos pela riqueza, que vos julgais poderosos e, directa ou indirectamente governais o Mundo e vos arrogais o direito de o governar — porque não vindes aprender a VERDADE para a realizar em AMOR, as duas únicas armas capazes de fazerem feliz o Homem?!

TEATRO AVENIDA—COIMBRA

2 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

TEATRO CIRCO—BRAGA

10 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras do Teatro Circo

O QUE nos DÃO



NO TOJAL

Há uma presença de Alcaça, ora com cinquenta, ora com vinte, às vezes com menos, em selos do correio. E sempre com um bilhetezinho a acompanhar. Duma vez diz assim: «Que Pai Américo proteja aqueles que vêm do mundo para serem pisados pelos pés dos que não sentem». Ora aqui há um engano no dizer, não no pensar. Ninguém «vem ao mundo para ser pisado». Mas na verdade minha senhora, há muitos pisados e muitos que pisam, não por imposição cruel da vida, como diz noutro bilhetezinho, mas por má consciência dos homens. Eu por mim já tenho querido também pisar os calos dos que pisam, mas sou pisado também. Falta-nos desgraçadamente o senso prático e cristão da vida. Mas, adiante. A visita duma senhora Médica trouxe-nos 500 e M. E. Rodrigues metade. Outro visitante com cinco vezes mil e a se-

nhora do jardim cem, mais metade. 1.401\$70 dum Engenheiro que contraiu uma dívida para com a Obra. Não sei se houve engano a nosso favor; por fora vinha escrever menos. Mais um saco de açúcar por intermédio da D. Noémia e mais bolos; camisolas, almoços e merendas aos rapazes. Entrega de 13.196\$ numa altura em que os fundos estavam à vista. Bendito seja Deus pelas Suas obras. Mais roupas e mercearia e mil entregues pela senhora das quartas feiras e sobrinha. De Carlota de Santa Iria meia nota das grandes e mais cento e quarenta de pessoa amiga. Uma carta com vinte. Mil da Sacor.

E. T. muito agradecida. M. A. S. S. com o 1.º ordenado oferecido com sacrifício e amor. Camisolas da R. Pascoal de Melo. Anónimo 200 e roupas para os mais pequeninos. Mil duma filha amiga, pelos seus pais.

Empregados da Mobil com 2.696\$50, 1.386\$20, 2.078\$50 e uma amizade persistente. Todos os meses 40 l. de gasolina da mesma Empresa. Do Snr. Dr. Jacinto Ferreira 500 e igual do Grémio dos Industriais do Arroz. M. Damião cem, Luísa vinte e não sei quanto da rua dos Anjos. Roupas dos Funcionários da Sede do Instituto Maternal e Maternidade Alfredo Costa com esta belíssima legenda: «Uma benção de Lisboa, a esperança de outras presenças, o pedido de uma oração». Do pessoal amigo da Nestlé 178\$50, renovados em carinho e presença todos os meses. Anónimo com mil. Empregados dos C.T.T. da R. da Palma 2.300\$. Estes senhores ficaram feridos com um pequenino abandonado: É o nosso Luisito. E volta e meia aparecem por cá. De Leal do Tribunal de Contas, 250 e várias importâncias de ass. pela mão doutro amigo. Fábrica da Abelheira mil e do senhor das borras metade. De Oeiras uma sobrepeliz nova e cem. No Mealheiro da Casa Batalha 180, mais mil duma senhora que por outras vezes fez o mesmo. Da Petroquímica 1.500\$. Dum grupo de Vicentinas de Santo Condestável 70\$ e 50\$ de M. Dias Correia. Dos srs. Engenheiros do Serviço de Hidráulica do Laboratório N. de Engenharia Civil seis mil e cem escudias. Chegava a Casa à noite, aflito com uma conta de quatro mil das cantarias para a Casa da Eriçeira. Quando o chefe me entrega o sobrescrito e abro, oh alegria! Como Deus está presente nas nossas aflições! Mais páginas em branco na agenda. E agora a um vendedor cinquenta. Do aumento de ordenado mil e um subscritor espontâneo de todos os meses com vinte. Já vamos também perto dos vinte. Um senhor Engenheiro com cem e Faial 70\$. E 250\$ a pedir uma oração pela nossa grande amiga D. Irene do Montepio que o Senhor chamou a Si há um ano. Deus a tenha em Paz e em paz nos conserve a todos.

Padre José Maria

Dizia eu no penúltimo número ser impossível conservar na terra de origem as garotas que necessitam de ser retiradas do meio em que vivem, dando-lhes, ao mesmo tempo, a liberdade de movimentos que têm em Belém. E acrescento que, em igualdade de circunstâncias, se deve dar sempre preferência às de mais longe.

Ora eu tenho a certeza de que alguns dos Visienses que me lerem hão-de ter feito este reparo: Mas não há, a casa de Belém, em Viseu, é para todas as crianças menos para as da cidade?! E não sei se terão ficado um tanto decepcionados...

Sei ainda de pessoas que apreciam a Obra e que, desde o início, vieram ao conhecimento desta disposição, que a compreendem e aceitaram, mas com uma pontinha de desgosto.

Sei ainda doutras — poucas, graças a Deus! — que tomam isso como pretexto e vão dizendo aqui e além que os Visienses não deviam dar-nos esmolas, porque eu trago para cá crianças de fora e não recebo as da cidade.

Ajudem os Visienses — respondendo eu — ao desenvolvimento da Obra, para que esta, dentro de poucos anos possa abrir uma segunda casa noutra localidade, e então chegará a vez de receber as necessitadas daqui. E praza a Deus que sejam poucas! Na verdade e até ao presente, ainda só tivemos conhecimento de dois casos em Viseu que pediam internamento.

Ter a Obra mais que uma casa é condição indispensável ao seu racional desenvolvimento. Espero pois que, querendo-a Deus como ela foi pensada, há-de chegar o dia em que possa ser satisfeita tão legítima aspiração da gente boa de Viseu.

Porém, há mais para dizer e que interessa em primeira mão a Viseu. É que a Obra não se destina só às garotas que andam abandonadas aos seus, mas também às que precisam de ser assistidas no seio da própria família.

Está no nosso pensamento organizar um serviço de assistência aos pais e em especial à mãe viúva ou solteira, com capacidade para educar seus filhos, mas impossibilitados de o fazer por falta de recursos, doença ou invalidez.

O número de crianças abandonadas (empregado o termo no sentido de que não têm qualquer parente capaz de as tomar ao seu cuidado) é muito menor do que as mal alimentadas, mal vestidas e mal educadas por ignorância, falta de meios ou incúria, sobretudo das mães. Tirar estas cri-

anças aos progenitores é ajudá-las a subtraírem-se aos deveres contraindo para com os filhos. Não se educa assim o povo. Pelo contrário, deseduca-se. Tratando-se de mãe solteira, é abrir-lhe mais o caminho para nova desgraça. Ser-lhe arrimo no desempenho da sua missão de mãe, sobretudo se o pai da criança se eclipsou cobardemente; evitar que ela caia no desespero ou se venda para matar a sua fome e a do filho; procurar a tempo e a do seu dever de mãe lhe sejam meio de reabilitação — é o que está certo.

Retirar os filhos a estes pais, não só não está certo mas também, em regra, dá pouco resultado, porque os pais, enquanto as crianças só dão trabalhos, facilmente concordarão com o seu internamento. Mas, logo que vislumbrarem a possibilidade de os explorarem economicamente, não mais os largarão e farão valer os seus direitos de pais para os recuperarem. E acontece que lhes vão de novo parar às mãos numa idade ainda mais perigosa do que aquela em que os entregaram à Obra. Tratando-se de raparigas, o problema assume ainda maior gravidade.

Ir, pois, até aos pais e sobretudo até às mães, através da assistência a prestar às crianças; instruí-las, ajudá-las na sua missão de educadoras e procurar ao mesmo tempo suprir as suas deficiências, — eis o caminho mais seguro, embora talvez aparentemente menos rendoso.

Poderá alguém perguntar por que não se começou por aqui, para acudir em primeiro lugar aos pobres da terra, já que Belém aqui nasceu. Respondendo que faltou o condicionalismo necessário ao lançar de raízes da Obra por essa forma. Mesmo agora, que ela já vai a caminho do seu quarto ano de existência e já deu algumas boas provas, não sei ainda quando viremos a ter possibilidades de passar a esta realização.

Poderemos passar a exercer esta outra forma de assistência quando aparecerem duas ou três Senhoras de boa formação que a ela se queiram dedicar. Quando nos oferecerem casa dentro ou à beira da cidade, com bom ar, muito sol e espaço suficiente para receber as mães que venham até nós. Onde possamos fazer-lhes reuniões ou cursos de preparação. Onde as filhas possam ficar, durante aquela parte do dia em que as mães trabalham fora de casa.

A casa onde nasceu Belém é onde ainda permanecemos em condições suficientes, mas custa 500\$00 por mês. Se aparecesse alguém que nos pagasse a renda nós já não a largaríamos.

É agora a minha vez de perguntar: poderíamos esperar que os Visienses acarinhassem a Obra e tomassem sobre si o encargo da sua sustentação? Viseu, porque esperas? Tanto dentro como fora dos teus restos de muralha, não tens obra no género e olha que é muito precisa! Por que esperas? Olha que os tempos não vão propícios a grandes delongas...

Inês — «Belém» — Viseu



Auto-Construção

Porquê Auto-Construção? Porque este movimento pretende ajudar aqueles que se ajudam a si mesmos. Ao mesmo tempo que dá alguma coisa, pede muito. Não favorece o desleixo, o menor esforço, não pretende tão pouco substituir-se aos próprios. Ao contrário, pede aos futuros beneficiados muita economia e muito trabalho. Serve de estimulante e não de multiplicador. Servirá, sim, de multiplicador de esforços, de energias. Aquele ditado popular «ajuda-te e Deus te ajudará» parece materialista e não é. Deus quis assim. É uma glória para o homem ter consciência deste seu estado na via presente. «Ajuda-te e Deus te ajudará» é um provérbio de alto sentido espiritual. «Auto-Construção» na medida das suas mais ou menos limitadas possibilidades, só ajudará aqueles que estiverem dispostos a ajudarem-se a si mesmos.

Ao mesmo tempo que cada elemento se ajuda a si mesmo, ajuda também um grupo de companheiros. O «cada um que se governe» não tem aqui lugar. Não tem. «Auto-Construção» escolheu o mais difícil. Por isso só trabalhará à base do grupo. Se tivesse escolhido outra modalidade, ajudar este ou aquele indivíduo, esta ou aquela família, de princípio faria muitas mais casas. Mas escolhemos, muito conscientemente, o mais difícil. Cada um que trabalha na construção da sua própria casa, no prazo de três ou quatro anos, há-de per-

sua-dir-se de que os outros também existem. Que ele precisa deles e que eles precisam dele. Que ninguém é feliz esquecendo os seus semelhantes. Que ninguém pode viver sozinho no mundo e que não colaborar será atraído. Ninguém poderá comer gostosamente o seu pão ao saber que milhares têm fome; ninguém poderá habitar tranquilamente a sua casa, sabendo que tantos e tantos vivem em currais ou barracas. «Auto-Construção» só ajuda aqueles que colaborem e aceitem colaboração.

As casas ficarão na posse plena dos auto-construtores no dia em que ficarem todas concluídas. O que se dá dá-se totalmente e... gratuitamente. Não vendemos as nossas dívidas seja a que pretexto for. Nunca. Este sistema, é certo, tem defeitos. E os outros sistemas não terão muito mais defeitos? Não se prestarão a muitos mais abusos? Preferimos a liberdade com riscos à tirania com segurança. Conhecemos os riscos que corremos, mas também não ignoramos os escolhos que evitamos. Gostamos da franqueza e da simplicidade. Além disso não queremos multiplicar as preocupações para além dum justo termo. Esse justo termo está escolhido: O dia em que todas as casas dum grupo forem concluídas. Casas feitas, chaves na mão, documentos legais, liberdade e responsabilidade. Quem, de entre os leitores, se fosse trabalhador, não queria ser tratado assim?

(Toda a correspondência para Auto-Construção

Aguiar da Beira)
Padre Fonseca



COLISEU DO PORTO

5 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.